

## **ANÁLISE DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA-MG**

TAMARA REGINA MIRANDA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>, HÉLIO CARLOS MIRANDA DE OLIVEIRA<sup>2</sup>, BEATRIZ RIBEIRO SOARES<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O espaço público sofre consideráveis transformações desde a Idade Média. Com as mudanças de características das cidades e do espaço urbano, os espaços públicos assumem diferentes papéis, em determinados momentos históricos, tornando-se, cada vez mais, alvo das intervenções urbanas de adaptação da vida moderna. É necessário entender a distinção entre espaço público e espaço urbano, embora o espaço público se constitua muitas das vezes, no espaço urbano. Assim, o espaço público é uma categoria que abrange os conceitos de espaço urbano e esfera pública, além de possuir uma dimensão socioespacial caracterizada por ações que dão sentidos a determinados espaços da cidade. Com isso é importante considerar que a definição e estudo do espaço público possui sua base teórico-metodológica na produção do espaço urbano, onde se deve considerar a cidade como produto da reprodução da sociedade e das relações sociais. Baseado nisto, diante da relevância dessa temática, o presente trabalho tem por objetivo identificar alguns espaços públicos existentes na cidade de Uberlândia-MG, bem como compreender a importância e os papéis destes para a cidade, contribuindo para os estudos referentes à organização do espaço urbano e de forma mais específica e restrita, referentes à utilização dos espaços públicos. Dessa forma, como resultado da pesquisa, tem-se o levantamento e análise de alguns espaços públicos presentes na cidade de Uberlândia-MG.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço público, espaço urbano, Uberlândia, cidade.

### **ABSTRACT: ANALYSIS OF PUBLIC SPACES IN THE CITY OF UBERLÂNDIA-MG**

The public space has suffered and is suffering considerable transformations since the Middle Ages. With changes in the characteristics of cities and urban space, public spaces play

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista PIBIC/FAPEMIG/UFU. Rua Dolores Duran, 86, bairro Liberdade, Uberlândia-MG, CEP: 38401-288. E-mail: tamararegina@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia. Av. José João Dib, 2545, bairro Progresso, Ituiutaba-MG, CEP: 38302-000. E-mail: heliocarlos@pontal.ufu.br

<sup>3</sup> Professora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila, 2160, bloco 1H, Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP: 38400-902. E-mail: brsoares@ufu.br

different roles in specific historical moments, becoming, increasingly, targeted interventions in urban adaptation of modern life. It is necessary to understand the distinction between public space and urban space, while the public space is as much of the time in urban space. Thus, the public space is a category which covers the concepts of urban space and public sphere, and has a dimension socio characterized by actions that give way to certain areas of the city. Therefore it is important to consider that the definition and study of public space has its theoretical and methodological basis for the production of urban space, which should be considered the city as a product of society and the reproduction of social relations in the socio-spatial practice. Based on this, given the relevance of this theme, this work aims at identifying some public spaces in the city of Uberlândia-MG, and understand the importance and roles of the city, contributing to the studies concerning the organization of urban space and more narrow and specific, relating to the use of public spaces. Thus, as a result of the research has been the survey and analysis of some public spaces in the city of Uberlândia-MG.

**KEYWORDS:** public space, urban space, Uberlândia, city.

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse que vem despertando, dos geógrafos, pela a análise dos espaços públicos se torna cada vez mais evidente. Do ponto de vista analítico, propõe-se uma abordagem teórico-metodológica da produção do espaço urbano, para o estudo do espaço público. Nesse sentido, a cidade é considerada como produto e condicionante da reprodução da sociedade, da vida e das relações sociais que se manifestam na prática socioespacial.

As análises que envolvem a cidade adquirem maior peso analítico ao se incorporar a perspectiva teórico-metodológica da produção do espaço, já

que considerando as relações sociais, por meio das práticas socioespaciais, a análise da cidade ganha em complexidade e se enriquece em pontos de vista e perspectivas de abordagem.

Para o entendimento do espaço, alguns níveis analíticos devem ser considerados, como, a dominação política que nos remete ao papel do poder político e das classes de alto poder aquisitivo na produção do espaço público; a acumulação de capital e a implementação de espaços públicos, que contribuem para a valorização de áreas e para a apropriação privada dessa valorização, e ao surgimento de novos produtos imobiliários, que aumentam a reprodução e a circulação do

capital e questionam a relação público x privado; e finalmente, a esfera da realização da vida humana que se materializa nos espaços públicos e possibilitam práticas cotidianas de lazer, consumo circulação e convívio.

Nesse sentido, as análises sobre os espaços públicos ganham a dimensão da cidade e de seu conjunto, a fim de evitar transposições diretas de dinâmicas próprias de outras realidades urbanas, já que sempre serão contextualizadas nas particularidades sociais, culturais, econômicas e políticas.

O presente trabalho, então, tem como objetivos discutir e compreender a importância e os papéis que os espaços públicos exercem na cidade de Uberlândia-MG enquanto cidade média e de expressão regional, além de localizar, caracterizar e verificar estes espaços, para, a partir daí, entender a consolidação dos mesmos na cidade.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Com o intuito de atender os objetivos propostos por este estudo, fez-se necessário, de acordo com cada etapa de execução do projeto, a utilização de diversos procedimentos metodológicos. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática, a fim de obter um maior conhecimento teórico sobre o assunto –

espaço público, urbanização, cidade média, entre outros – e tomar conhecimento do que se tem produzido sobre o tema.

Foi feito o levantamento de dados e informações estatísticas e censitárias, além do levantamento de dados em campo que colaborou para a coleta de informações e elaboração de material fotográfico. Foram selecionados os seguintes espaços públicos para o levantamento de campo: praças, parques públicos, *shopping center* e condomínios fechados.

A partir da obtenção dessas informações, foi possível fazer a sistematização e análise das mesmas, propiciando assim, a elaboração do material utilizado e apresentado, bem como na redação do trabalho.

## **3. DISCUSSÕES E RESULTADOS**

### **3.1. Breve histórico sobre a origem das cidades**

A cidade possui uma origem histórica que se constituiu assumindo conteúdos e formas diversas. Assim, pode-se considerar que a cidade é uma realização humana e que nasceu da necessidade de organização de certo espaço com o intuito de integrá-lo e torná-lo mais independente.

Não se deve entender a cidade apenas como um local exclusivo de

atividades humanas, mas sim como um local de relações humanas, históricas, sociais e culturais, onde a existência da cidade exige uma participação diferenciada dos homens num dado processo de produção.

Em relação à origem da cidade, Carlos (2007) destaca que:

[...] A origem da cidade se confundiria com o princípio de uma hierarquização social, a qual, no entanto, a precede historicamente.

Assim podemos vincular a existência da cidade pelo menos seis elementos:

- a) divisão do trabalho;
- b) divisão da sociedade em classes;
- c) acumulação tecnológica;
- d) produção do excedente agrícola decorrente da evolução tecnológica;
- e) um sistema de comunicação;
- f) uma certa concentração espacial das atividades não-agrícolas. (CARLOS, 2007, p. 59-60).

No início da Idade Média, as cidades desapareceram com a inexistência das atividades comerciais, renasceram a

partir do momento que a economia deixou de ser auto-suficiente e passou a ser monetária. Passou-se, então, a surgir cidades em locais de fácil circulação, como margem e cruzamento de estradas e rios. Sobre essa nova configuração das cidades, Carlos (2007) destaca que:

A mudança na forma espacial da agricultura auto-suficiente feudal para as cidades, deveu-se em particular à reativação do comércio como fonte de riqueza. Com a introdução da economia monetária surge uma nova divisão do trabalho que acompanha o crescimento das cidades. A indústria que antes era caseira, ganha agora maior especialização. A produção do excedente, a possibilidade da troca e o uso do dinheiro dão aos artesãos oportunidade de abandonar a agricultura e viver de seu próprio ofício. Mas a diminuição da população agrícola ocorre em função de uma série de inovações agrícolas tais como o afolhamento e a terra de pousio trienal; a introdução de aveia

nessa rotação, o que sugere o uso de cavalos no lugar do trabalho bovino; a introdução do arado pesado. Assim, a agricultura propicia também um novo impulso ao crescimento demográfico e à especialização do trabalho. (CARLOS, 2007, p. 64-65).

Com a introdução da economia monetária o comércio começou a se impor e organizar o espaço e com isso a economia de subsistência passou a ser inviável, principalmente porque esse tipo de economia era incompatível com a organização dinâmica de uma cidade. Com esse desenvolvimento, algumas cidades passaram a abrigar indústrias, que devido ao avanço tecnológico e às grandes descobertas científicas, a especialização espacial e a divisão do trabalho tornaram-se mais fortes e maiores, o que fez as relações (homem - meio) e o modo de vida se transformarem.

No período da Idade Média, as cidades possuíam uma rede de ruas irregulares e eram organizadas para formarem um espaço único. As casas se abriam para o espaço público, sendo que os espaços públicos e privados nessa época não formavam um espaço separado dos demais, como destaca Benevolo (2007):

Os espaços públicos e privados não formam, pois, zonas contíguas e separadas, como na cidade antiga: existe um espaço público comum, complexo e unitário, que se espalha por toda a cidade e no qual se apresentam todos os edifícios públicos e privados, com seus eventuais espaços internos, pátios ou jardins. (BENEVOLO, 2007, p. 269).

Assim, é importante entender que:

Na vida pública da Idade Média e da Renascença houve uma valorização intensa e prática das praças da cidade e uma harmonização entre elas e os edifícios públicos, enquanto hoje as praças se destinam, quando muito, a servir como estacionamento para automóveis, quase não mais se discutindo a relação artística entre praças e edifícios. (SITTE, 1992, p.30 *apud* FRÚGOLI JÚNIOR, 1995, p. 13).

No século XVII e XVIII com o Iluminismo, verifica-se uma articulação

entre o público e o privado, já que o termo público naquela época segundo Correia (1999) significava a existência de um espaço de discussão crítica operado nos salões, clubes e na imprensa.

A partir da metade do século XIX, as cidades passaram a ter uma configuração diferenciada, devido à industrialização e à rápida urbanização, que acarretou a transformação dos camponeses tradicionais em grandes massas de operários. Com essas mudanças, a vida na cidade passou a ter um cenário de pobreza, já que havia uma grande quantidade de camponeses que migraram para a cidade, e desempregados tinham uma vida degradante.

Nesse período, os espaços centrais e públicos sofreram consideráveis transformações, pois as praças, por exemplo, construídas naquela época, não exerceram seu papel de espaços de uso comum e popular. Os espaços públicos, então, se tornaram alvo de intervenções urbanas para a adaptação da vida na cidade moderna.

Segundo Albuquerque:

O século XIX foi pródigo em buscar soluções radicais para a cidade e a sociedade e não era para menos, tendo em vista a qualidade da vida urbana, principalmente na

Inglaterra. Industriais esclarecidos achavam que tinham que corrigir os males de que haviam sido a causa. A cidade-jardim foi uma solução que deu certo porque se propunha a organizar a cidade capitalista. Os princípios eram muito simples: zoneamento funcional e muito verde, além da limitação da população. E era isto que todo mundo queria: ar puro e organização. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 38).

Essas intervenções nos espaços públicos para a adaptação da vida moderna acontecem também na atualidade, principalmente quando há uma revitalização do espaço para adequar as cidades aos fluxos de turismo e consumo urbano com o objetivo de recriar sentidos e usos dos conteúdos do passado.

É necessário, segundo Leite (2002), entender que todo espaço urbano pode ser, ou não, instituído de práticas sociais que caracterizam a dimensão política dos espaços públicos. Assim, um espaço urbano somente se constitui em um espaço público, quando há certas configurações espaciais associados a um conjunto de

ações. E é quando essas ações possuem sentidos de pertencimento a certos espaços urbanos, que se pode constituirlos como espaços públicos.

Por fim, não devemos confundir a noção de espaço público com espaço urbano, como comenta Leite (2002):

[...] Podemos, assim, entender o espaço público como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas. Não sendo necessariamente todo espaço urbano um espaço público, há de se verificar quando um espaço urbano pode ser caracterizado como público. [...]. (LEITE, 2002, p.02).

As definições do espaço público variam de acordo com o enfoque que é dado nas diferentes áreas do conhecimento. Desta forma, procura-se analisar aqui, o espaço público como um espaço em constante transformação, como palco das relações sociais, entretanto, que se modifica de acordo com a estrutura urbana em determinado momento da história.

### **3.2. Os espaços públicos e seus usos: o caso de Uberlândia – MG.**

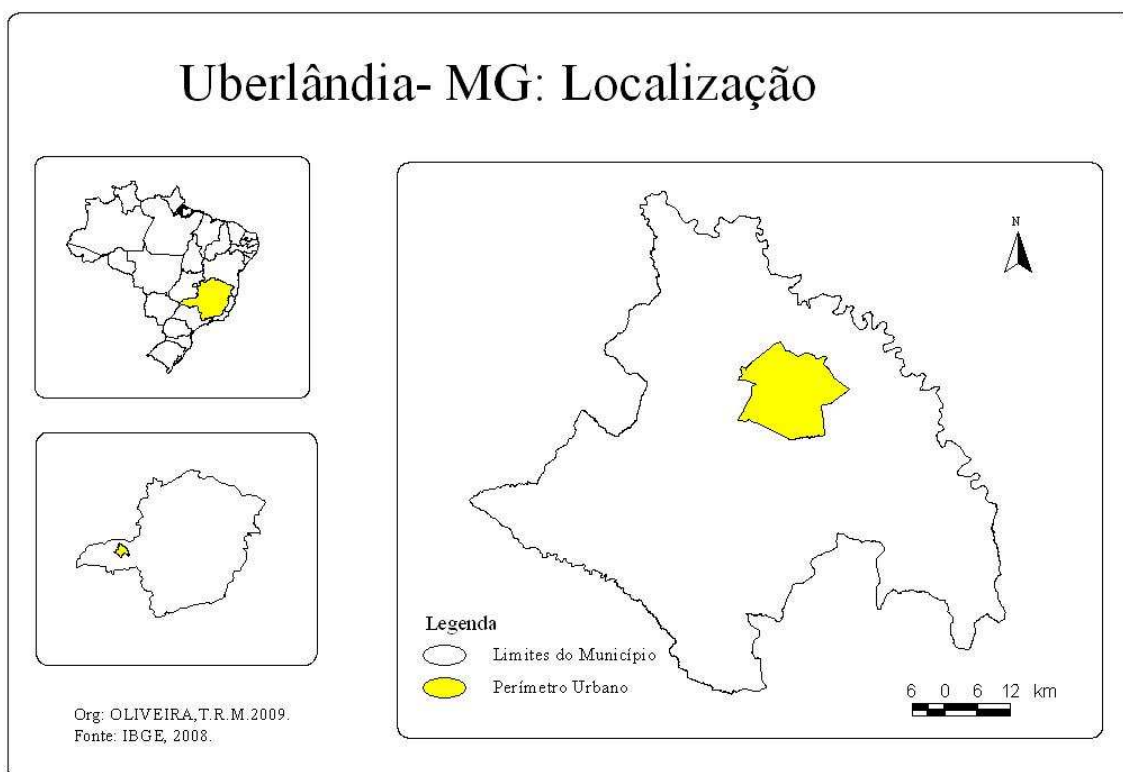
#### **3.2.1. Histórico e desenvolvimento da cidade de Uberlândia – MG**

Uberlândia está localizada no oeste do estado de Minas Gerais, na mesorregião geográfica do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (conforme o mapa 01), de acordo com a organização político-administrativa do IBGE, e possui uma área total de aproximadamente 4.115 Km<sup>2</sup>, sendo que 219 Km<sup>2</sup> são de área urbana, segundo a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente (2007) da cidade.

A cidade de Uberlândia, maior cidade da mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba possui uma população total, no ano de 2007 segundo IBGE, de 608.369 habitantes, onde 97,56% dessa população é urbana. A evolução da

população da cidade é demonstrada na tabela 01.

**Mapa 01:** Uberlândia: localização da cidade (2007).



**Tabela 01** - Uberlândia: população urbana, população rural e população total (1970-2000).

População	Número de Pessoas			
	1970	1980	1991	2000
<b>Urbana</b>	111.480	231.583	358.165	488.982
<b>Rural</b>	13.226	9.384	8.896	12.232
<b>Total</b>	124.706	240.967	367.061	501.214

Fonte: IBGE – Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991, 2000.

Com a construção de Brasília, a intensificação do êxodo rural, o fortalecimento da malha rodoviária, a intensificação da industrialização e a diversificação do comércio e dos serviços, Uberlândia passou a ter uma nova

configuração em seu cenário urbano, assim como houve uma modificação no modo de vida da população e o espaço em que a mesma vive.

No fim dos anos de 1940, Uberlândia apresentava um notável



desenvolvimento econômico que foi um dos fatores que mais contribuiu para sua estruturação urbana. Após a transferência da capital federal para Brasília (DF) e a abertura de novas rodovias interligando a capital federal com Santos (SP) e São Paulo (SP), as mudanças na rede urbana da cidade se intensificou. Com isso, a expansão e a diversificação do comércio fizeram com que novas empresas atacadistas se instalassem na cidade, devido à sua estratégica localização e proximidade dos grandes centros.

Devido ao desenvolvimento econômico que Uberlândia vinha adquirindo, foi construído um parque industrial propiciado pela Companhia de Distritos Industriais (CDI), que tinha como finalidade implantar e administrar essa área oferecendo a infra-estrutura necessária para a instalação de novas indústrias, que acarretou profundas mudanças no cenário político, social e econômico da cidade de Uberlândia (MG)

Por possuir mão-de-obra excedente e barata, incentivos fiscais, um grande e forte mercado consumidor e uma proximidade da capital, do porto de Santos e da cidade de São Paulo, várias empresas estrangeiras e nacionais foram atraídas para se instalarem na cidade. E com isso, ela passou de ser um grande centro de comércio para também ser um grande e importante centro industrial.

Diante do quadro de tal desenvolvimento que a cidade vem adquirindo no decorrer dos anos, desde a década de 1940, tanto a utilização quanto a valorização dos espaços públicos existentes na cidade se intensificou, trazendo novos significados e funções para esses espaços.

### 3.2.2. As praças

Para Saldanha (1993, p. 15) “temos o espaço público como obra do viver social e do estender-se das relações que perfazem este viver, e que se desdobram em termos de produção econômica, ordem política, criação cultural.”

Ainda segundo Saldanha (1993, p. 15):

[...] a idéia de *praça* vai indicar aqui o espaço público, com específico desligamento em relação à moradia privada. As praças, nas cidades construídas em todos os quadrantes e em todos os âmbitos culturais, se ligam a finalidades mais “genéricas”: ligam-se ao espaço comum – no sentido

“comunitário” do termo -, ao âmbito político, à finalidade econômica, à dimensão religiosa ou militar da vida social. [...] A óbvia extensão espacial da praça não é apenas extensão espacial: ela corresponde a um significado social, correlato do próprio espírito da cidade onde se insere. (Grifos do autor).

A praça então, como um espaço público é marcada principalmente pelo convívio humano, onde é considerada como um importante equipamento histórico e cultural urbano que expressa o surgimento e desenvolvimento de diversas cidades brasileiras.

As praças no Brasil surgiram no entorno das igrejas, que constituíram os primeiros espaços urbanos públicos e livres, atraindo prédios públicos importantes, o principal comércio, casas luxuosas ao seu redor, além de servir como local de convivência e como elo entre a paróquia e a comunidade.

Segundo Robba e Macedo (2002), ao contrário das praças medievais européias, nas praças coloniais brasileiras

realizavam-se todas as atividades num mesmo espaço permitindo assim a interação das várias camadas da sociedade e servindo de palco para as várias manifestações de hábitos e costumes da sociedade colonial.

No fim da Idade Média e do Renascimento, a praça era considerada como um local de liberdade, familiaridade e ponto de encontro de toda a comunidade. Elas foram palco de procissões solenes, eventos culturais, entre outros, onde toda a multidão se reunia e expressava o significado da praça enquanto espaço da coletividade.

Uma característica de fundamental importância e grande relevância para se compreender a evolução dos espaços públicos nas cidades brasileiras é o incremento da vegetação no espaço urbano e o ajardinamento dos espaços públicos.

Foi no final do século XIX e início XX que surgiram os primeiros espaços ajardinados de uso coletivo nas cidades brasileiras e por volta de 1910 cresceram mais intensamente os jardins residenciais. A partir daí, houve significativas mudanças na paisagem do espaço urbano das cidades brasileiras, onde a população criou-se o hábito de jardinagem, jardins botânicos foram abertos para visitação pública, as ruas passaram a serem mais arborizadas e as praças começaram a serem ajardinadas.

Assim, de acordo com Robba e Macedo (2002, p. 26) “o sucesso de ajardinamento da cidade é enorme, e algumas das praças coloniais mais antigas e tradicionais recebem vegetação e tratamento de jardim, perdendo algumas das suas peculiaridades como largo, pátio e terreiro”. Essa nova concepção de paisagem urbana representou o desejo de algo até então desconhecido nas cidades brasileiras: a prática do paisagismo e a introdução da arborização nos espaços públicos.

O modelo de praça ajardinada se expandiu rapidamente como padrão de qualidade dos espaços públicos livres e novos projetos de reformas das praças foram implantados. Assim, as funções da praça na cidade alteram-se profundamente, como destacam Robba e Macedo (2002) “a praça deixa de ser o palco de manifestações e encontros religiosos, como eram no período colonial e passa a ser um local de lazer, passeio e convivência da população”.

Ao longo da evolução dos espaços públicos nas cidades brasileiras a permanência de algumas de suas funções, como o convívio social da população, o desaparecimento de outras, como o uso religioso e militar, e o surgimento de novas funções, como o lazer cultural e esportivo, evidenciam as mudanças ocorridas quanto à forma de utilização dos espaços públicos

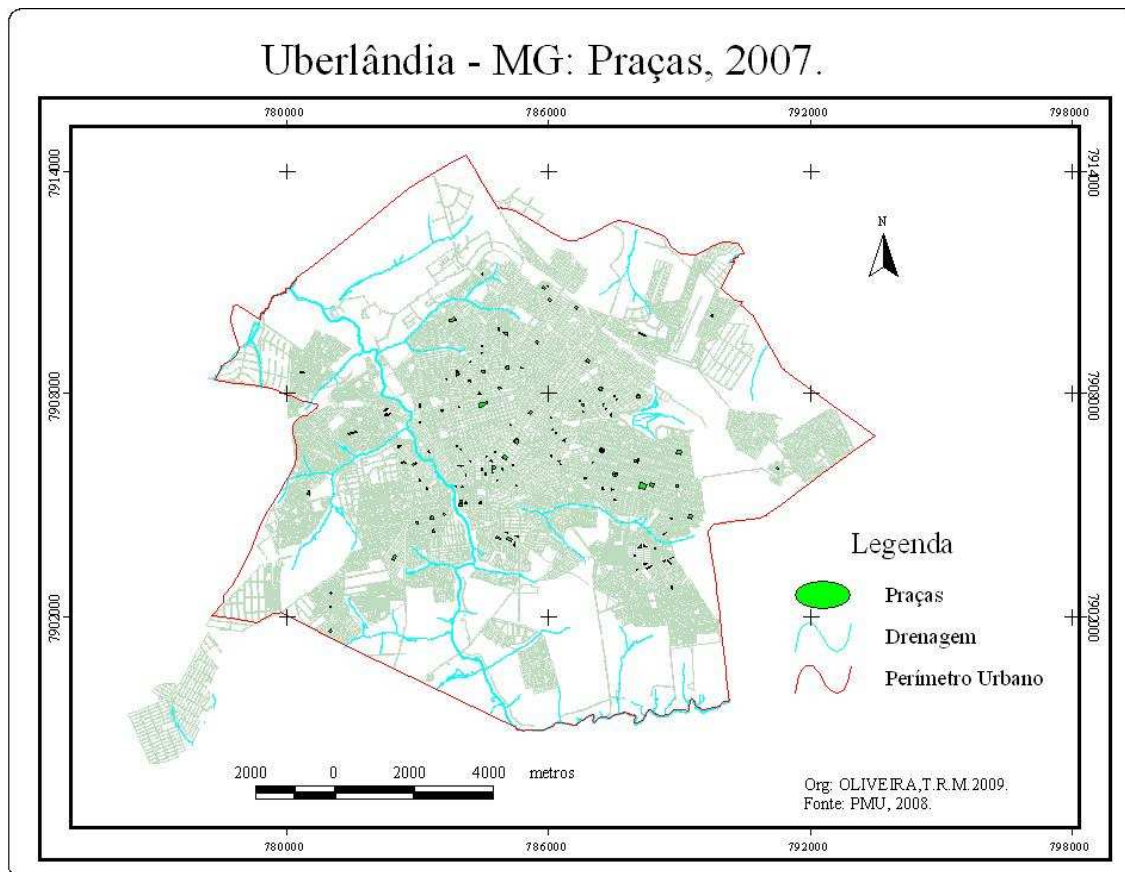
em face dos diferentes períodos da história urbana do país, pois em cada momento os espaços assumem diferentes significados e funções, atendendo sempre as necessidades da sociedade em curso.

No caso de Uberlândia (MG), de acordo com o Departamento de Serviços Urbanos da Secretaria de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Uberlândia, no ano de 2007 a cidade de Uberlândia possui 189 praças, perfazendo uma somatória de área total de 909.956,83 m<sup>2</sup>, onde do total, 132 praças são urbanizadas, ou seja, possuem gramado, calçada, bancos, *playground*, meio-fio e quadra esportiva; nove delas são pré-urbanizadas, que apresentam grama e arborização e 48 não-urbanizadas, que quer dizer que existe a disponibilidade das áreas, mas ainda não existe a infraestrutura. A localização das praças na cidade de Uberlândia pode ser visualizada no mapa 02.

As praças representam um importante espaço público para a cidade, já que diversas relações entre pessoas da sociedade se dão nas praças. Na Praça Tubal Vilela, localizada no centro da cidade, o uso público do espaço se dá de diversas maneiras. Dentre elas, o que chama mais atenção é a utilização da praça por vendedores ambulantes, que ficam localizados próximos aos pontos de ônibus, vendedores estes, que se localizam em

duas bordas da praça devido ao grande fluxo de pessoas que por ali passam diariamente.

**Mapa 02** – Localização das praças de Uberlândia-MG



Por possuir uma localização privilegiada em relação ao centro da cidade, a praça conta com um intenso fluxo de pessoas que a utilizam, principalmente como passagem e ponto de parada de ônibus. A praça conta com um posto policial, que garante a segurança do local e seus arredores.

Sobre as condições físicas desta praça pode-se afirmar, que comparado com algumas praças, principalmente as de bairros periféricos, ela encontra-se em bom

estado de conservação (bem conservadas, sem a presença de muitos atos de vandalismo) e limpeza e com quase nenhuma deterioração.

Na Praça Sérgio Pacheco, também localizada no centro da cidade ainda comporta algumas manifestações culturais e o comércio existente nela, se manifesta em uma feira livre de artesanatos, “Feira da Gente”, que acontece todos os domingos na Praça. Também aos domingos, a praça serve como um grande

centro de lazer para a população, que é facilitada pela presença de *playgrounds* e atividades esportivas.

Outra atividade muito desenvolvida é a caminhada praticada pelos habitantes que são facilitados pelos aspectos físicos da praça, pois é uma praça bastante arborizada, muito bem conservada e limpa.

Vale lembrar que essas atividades acontecem em uma parte da praça, a outra área, separada hoje por uma avenida, é utilizada como estacionamento dos ônibus que trafegam dentro da cidade e como ponte de ônibus para aqueles que desejam ir para Araguari-MG.

As praças de bairro não são intensamente utilizadas como as praças centrais. Normalmente são utilizadas como passagem de pedestres, como local de lazer e diversão para alguns habitantes e algumas delas como local de caminhada para a população. As praças de bairros periféricos normalmente não se encontram em bom estado de conservação, ao contrário daquelas localizadas nos bairros nobres.

Com as observações feitas, conclui-se então que as praças de Uberlândia possuem uma grande importância como espaço público, uma vez que nelas há uma relevante relação entre a sociedade, além de a população utilizá-las para lazer e outras atividades do dia-a-dia.

### 3.2.3. Os parques públicos

Os parques urbanos surgiram no século XVIII, a partir das necessidades locais para embelezamento e lazer, diretamente ligados à aristocracia européia. Posteriormente, no século no século XX, os parques urbanos foram popularizados nos Estados Unidos, e serviram até mesmo como objetos de ações sociais.

Atualmente os parques urbanos são frutos de influências e estilos de diferentes épocas. Percebe-se a presença de elementos que ultrapassaram suas épocas e ainda resistem às transformações ocasionadas na configuração espacial desses parques.

Os parques são locais de convivência e de relações sociais cotidianas, ou seja, são elementos que caracterizam a paisagem urbana, refletindo a cultura local e proporcionando o exercício da cidadania.

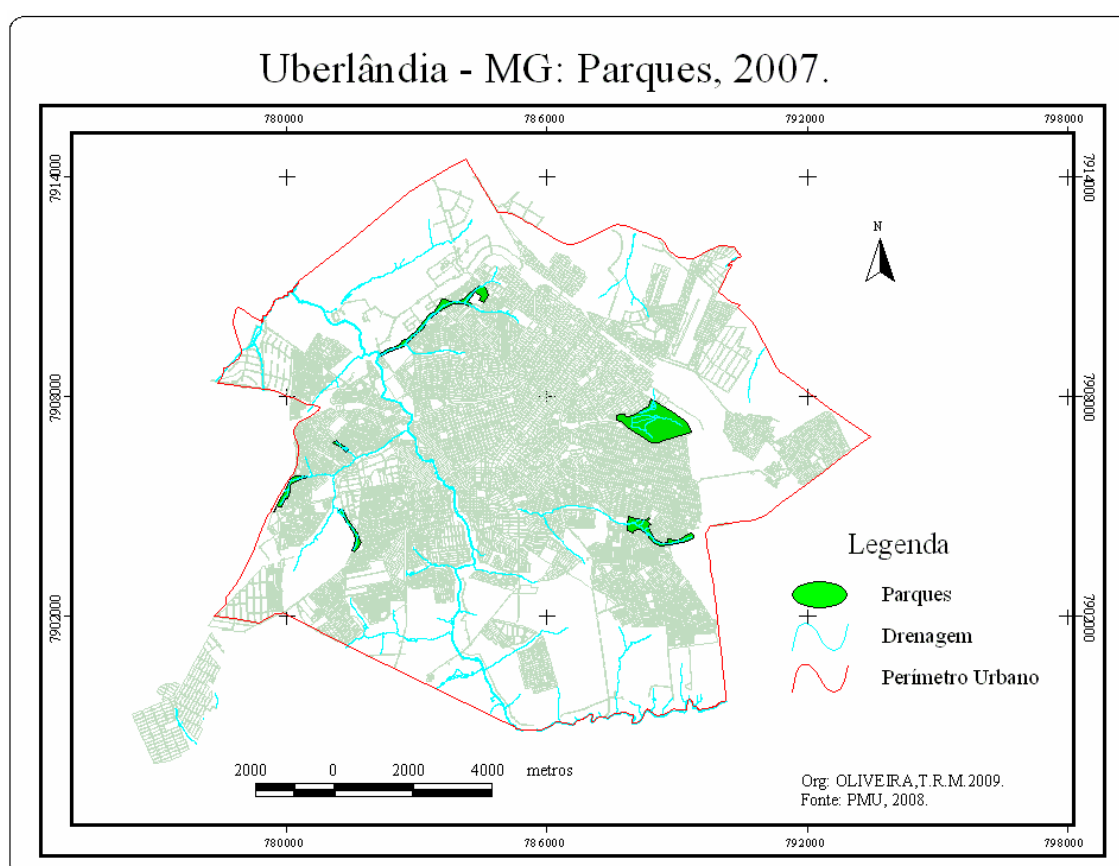
A cidade de Uberlândia (MG) possui sete Parques Municipais, que estão localizados no mapa 03 – Parque Municipal do Sabiá, Parque Municipal do Distrito Industrial, Parque Municipal do Santa Luzia, Parque Municipal Victório Siquierolli, Parque Municipal Natural do Óleo, Parque Municipal do Mansour, Parque Municipal do Luizote de Freitas. É um parque urbano e uma área verde com função ecológica estética destinada ao

lazer ativo e passivo e à preservação da fauna e da flora. Segundo a Prefeitura Municipal de Uberlândia - PMU - possui uma área de 1.840.747,80 m<sup>2</sup> e localiza-se entre os limites dos bairros Tibery e Santa Luzia.

O Parque do Sabiá é o mais importante dos parques da cidade de

Uberlândia e também um dos mais importantes espaço público da cidade. É um parque que oferece à população: parque infantil (*playgrounds*), zoológico, pista de caminhada, lagos, aquários, campo *society* de grama, piscinas, entre outros.

**Mapa 03** - Localização dos Parques Municipais urbanos: Uberlândia – MG (2007).



Por possuir tantas opções, o uso do espaço do Parque é bastante diversificado. Normalmente as pessoas o utilizam como forma de lazer, já que o parque oferece parque infantil e piscina. Esse tipo de uso é feito por pessoas de baixa e média

condição social, já que a população da classe média-alta e alta costuma frequentar clubes particulares (mas que também exercem uma função de espaço público, principalmente por haver relação social entre a comunidade que os frequentam).

Mas são esses os usos públicos mais importantes do Parque, já que a população encontra e desfruta do lazer que o Parque oferece.

Vale ressaltar a importância do uso do espaço através da pista de caminhada. Parte da população tem preferência em fazer suas atividades físicas no Parque por haver segurança (pois há um posto policial presente dentro do Parque), por haver uma pista de caminhada com medidas de distância (uma volta corresponde a cinco quilômetros) e por ser um local bastante arborizado.

Outro importante uso do Parque se dá aos domingos no período da manhã. É uma feira de carros, onde os habitantes da cidade levam seus carros e colocam a venda. Além da venda dos carros, existem diversos vendedores ambulantes – vendedores de sanduíches, espetinhos, cerveja, refrigerante, consórcio, entre outros. Assim, se consolida uma importante função do uso do espaço público do Parque do Sabiá.

O uso que também deve ser considerado é a utilização do Parque como local de trabalho de campo para muitos alunos de escolas da rede pública da cidade, bem como de alunos de universidade. Os professores optam por efetuarem seus trabalhos de campo no parque porque nele há um conjunto de locais que servem para os alunos se

interagirem com a natureza e pensarem na preservação do meio ambiente.

O Parque Victório Siquierolli também exerce uma importante função no que diz respeito à utilização para trabalhos de campo com alunos de escolas da rede pública da cidade, pois nele há um pequeno museu com diversos animais empalhados, dando assim aos alunos a oportunidade de conhecerem diversos animais e assim poderem conciliar com a matéria apresentada em sala de aula.

Assim, os parques exercem importante papel como espaço público, pois ele oferece à população a oportunidade de usufruírem de toda sua estrutura, desde o lazer até para pesquisas acadêmicas, sem nenhum ônus à comunidade.

#### **3.2.4. Os shopping centers**

Os *shoppings centers* surgiram nos anos 1960 e tiveram um crescimento a partir dos anos 1980 devido a melhor estruturação de consumo, principalmente do vestuário aliado a outros serviços como alimentação e lazer, que passou a abranger um maior número de usuários e uma maior parcela da população.

Os *shoppings* além de manter uma relação com a cultura, a cidade e a sociedade, possuem uma centralidade urbana que dão a idéia da existência de

uma cidade dentro da cidade, como destaca Frúgoli Jr. (1995):

Entre as múltiplas facetas que os *shopping centers* apresenta, há um consenso num determinado ponto: técnicos, administradores e arquitetos concordam que ele é um complexo equivalente a uma cidade, sendo que no Brasil os shoppings são verdadeiras cidades intramuros, mantendo uma áspera conversação com o urbano concreto.

Mas se esse dado do fechamento intramuros apresenta, numa perspectiva urbanística, uma difícil relação com a cidade (ou com o entorno), por outro lado é um dos aspectos que assegura aos *shoppings* se apresentarem contrapontos às deficiências de infraestrutura das grandes cidades, veiculando, a nível promocional, uma espécie de “imagem invertida” destas: são locais confinados, servidos por uma uniforme climatização ambiental, em que o

tempo parece não passar – tanto as horas, uma vez que não há relógios, quanto os anos, pois os materiais não se deterioram, sendo trocados antes de se deixar perceber seu envelhecimento. Não há chuvas, nem calor excessivo, nem becos escuros ou ruas esburacadas. [...]

Surge, portanto, no interior da cidade, uma outra “cidade em miniatura”, que “dialoga” com signos e características de outros espaços e instituições, recriando em seus interiores novas praças, calçadas, bulevares, alamedas de serviços, agrupamentos de lojas, etc., dentro de uma nova escala e concepção nesse cenário de irrealdade, os frequentadores imaginam encontrar um lugar a salvo das estatísticas da violência urbana, das intempéries climáticas, dos transtornos do trânsito, das desordens da geografia urbana. [...]. (Grifos do autor) (FRÚGOLI JR., 1992, p. 76-77 *apud*



FRÚGOLI JR., 1995, p. 94-95).

A partir disso, conforme Frúgoli Júnior entende-se que os *shoppings centers* criam espaços de acesso público, mas que não são efetivamente públicos. É importante ressaltar, assim, que os shoppings vêm perdendo a qualificação de um espaço que apenas pessoas de alto poder aquisitivo o frequentam, principalmente depois que pessoas de outras classes sociais e de baixo poder aquisitivo notaram que os *shoppings centers* são espaços privados com acesso público.

Na cidade de Uberlândia, em 1987, foi inaugurado o primeiro shopping center da cidade, o Ubershopping, localizado no setor sul da cidade. Esse empreendimento não prosperou e atualmente, nele funciona uma Instituição de Ensino Superior e uma rede de supermercado.

Vale destacar que os *shopping centers* possuem uma segurança que não encontramos nas ruas e por isso sua função de espaço público vem se tornando cada vez mais significativo, uma vez que as pessoas buscam esses locais, independente da classe social, para exercerem suas relações sem correrem o risco de serem furtados ou assaltados. Assim, deve-se considerar que os shoppings são espaços privados que possuem um acesso público.

### 3.2.5. Os condomínios fechados

O surgimento dos condomínios horizontais no Brasil não é possível ser datado já que eles não apresentam a mesma configuração que a de hoje, mas sabe-se que formas semelhantes existem desde os anos de 1950 e que eles se consolidam seguindo a mesma lógica e exigência dos condomínios verticais.

No Brasil a idéia de condomínio horizontal foi inspirada nos bairros-jardins, onde esses bairros seguem segundo Moura (2008), “um padrão característico dos bairros ingleses, com ruas na diagonal, amplos espaços público, área verde, casas construídas com alto padrão arquitetônico e no estilo americano, mas adaptado ao nosso clima” (MOURA, 2008, p. 58)

Foi a partir do final dos anos de 1970 e início de 1980 que os condomínios horizontais começaram a evoluir no Brasil e o seu auge foi atingido nos anos de 1990, pois foi a partir desse período que a vida urbana se transformou devido a diversos fatores, entre eles o crescimento da violência urbana e o comprometimento da qualidade de vida nas áreas centrais como congestionamentos, poluição e degradação das áreas verdes. Os condomínios fechados, então, privilegiam a tranqüilidade, a segurança as áreas verdes, o lazer e a qualidade de vida.

Os condomínios, segundo Carlos (2004):

[...] como uma das formas de segregação no espaço – [revelam] uma estratégia imobiliária que se realiza sob o discurso da necessidade de um ‘outro modo de vida’ capaz de fazer frente, ou melhor isolar/poupar e proteger os indivíduos numa metrópole que se torna congestionada e violenta e de outro, a necessidade de se morar em meio ou próximo ao verde, que a metrópole, em seu crescimento, destruiu (como aparece nos folhetos de venda de imóveis). Nesta direção a estratégia imobiliária também cria um discurso ‘anti-cidade’ para continuar reproduzindo a metrópole. [grifo nosso]. (CARLOS, 2004, p. 6 *apud* MOURA, 2008, p. 38)

Assim, devido a estes fatos já expostos, ao deslocamento da população de maior condição financeira aos condomínios fechados e a privatização de determinados espaços públicos, os espaços

livres e públicos, principalmente, tiveram uma forte desvalorização.

Com isso, embora sejam espaços organizados, sobretudo em torno da moradia, os condomínios fechados propiciam novos temas para reflexão sobre os espaços públicos. Uma referência disso é a produção de espaços nos quais se desenvolve uma série de defesas contra a cidade e ao mesmo tempo, procura-se recriar uma espécie de comunidade entre os moradores, mas que só tem em comum o fato de pertencerem à mesma classe socioeconômica.

A atuação dos condomínios fechados como espaço público pode ser explicada a partir da lógica de que em um condomínio existem as residências, praças, quadras, áreas verdes como os jardins, entre outros, todos destinados ao público morador do condomínio, configurando assim um espaço público marcado por uma diversidade limitada e sem a presença de furtos, assaltos, uso e tráfico de drogas que podem ser encontrados em um espaço público como uma praça, por exemplo.

Dentro dessa lógica, os condomínios fechados constituem uma nova organização urbana, pois as estratégias de segurança desses espaços transformam a experiência da vida pública na cidade.

De maneira geral, o espaço público tem sido cada vez menos utilizado pelas

classes de maior poder aquisitivo que buscam locais privados para estabelecer suas relações sociais básicas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos acontecimentos como a intensificação da desigualdade social e o surgimento do setor informal do trabalho desencadearam um processo de transformação do espaço público urbano.

Como destaca Frúgoli Júnior (1992) os locais públicos se popularizaram e com a desordenada expansão que ocorria na cidade, o centro tradicional passou a ser desvalorizado, não sendo mais um importante ponto de referência para a população. Assim, o espaço urbano se fragmentou entre áreas ricas e pobres, espaço privado com funções públicas e espaço público livre e com isso a paisagem urbana ganhou uma nova configuração.

Em todo o trabalho, foi possível perceber e discutir os importantes papéis de diversos espaços públicos da cidade de Uberlândia. Como já foi apresentado, as praças possuem diferentes significações em seus usos. O que antes era usado como palco de manifestações sociais e religiosas, hoje é utilizado como ponto de vendedores ambulantes, pontos de parada de ônibus, local de se concretizar as relações sociais, fazer caminhadas, entre outras. Nos parques urbanos e públicos, outro espaço

público aberto, além das praças, se consolida principalmente o lazer para a população.

Os *shopping centers* e os condomínios fechados são espaços privados que exercem função pública, principalmente quando, no caso dos condomínios a população residente a eles trocam a utilização das praças públicas, por exemplo, para utilizarem as praças existentes dentro dos condomínios, e no caso do shopping, por nos dá a idéia de possuir uma cidade dentro da cidade, oferece aos seus freqüentadores o consumo de produtos e diversão, sendo assim um dos principais espaço de sociabilidade em Uberlândia.

#### 5. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. Z. A. Espaços livres públicos inseridos na paisagem urbana: Memórias, rugosidades e metamorfoses - Estudo dos parques urbanos 13 de Maio, Recife-Brasil e do Tiergarten, Berlim-Alemanha. Recife. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 233 p.
- BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 2007. 428 p.
- BESSA, Kelly. Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia: o local na era das redes. In: SANTOS, Rosselvelt José; RAMIRES,

Julio César de Lima (Org.). Campo e Cidade no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 59-91.

BOTELHO, Diego Nogueira. Dinâmica imobiliária e estruturação intra-urbana: estudo de caso dos condomínios horizontais fechados no setor sul de Uberlândia (MG). Goiânia. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. São Paulo: Contexto, 2007. 8ª ed.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: EDUSP, 1994.

COLESANTI, M.T.M. Por uma educação ambiental: o Parque do Sabiá em Uberlândia. Rio Claro. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1994.

CORREIA, João Carlos. Novos desafios ao espaço público: subjetividade e cultura de massa. Beira Interior: Universidade da Beira Interior, 1999.

FRÚGOLI JR. Heitor. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico. In: PINTAUDI, S. M.; FRÚGOLI JR. Heitor (org.). Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras. São Paulo, Ed. UNESP, 1992. p. 75-92.

FRÚGOLI JÚNIOR. Heitor. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo: Marco Zero, 1995. 111 p.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. As praças de Ribeirão Preto-SP: uma contribuição geográfica ao planejamento e

à gestão dos espaços públicos. Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2005. 204 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censos demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 ago. 2006.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Unicamp; Aracaju; UFS, 2004. 358 p.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: Notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-690920020002000008&script=sci\\_arttext&lng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-690920020002000008&script=sci_arttext&lng=es)>. Acesso: 05 ago. 2008.

MOURA, G.G. Condomínios horizontais/loteamentos fechados e a vizinhança (in)desejada: um estudo em Uberlândia/MG. Uberlândia. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008. 270 p.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de Oliveira. Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias: reflexões a partir de Uberlândia (MG). Uberlândia. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008. 364 p.

ORLANDI, Eni P. (org.). Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001. 190 p.

ROBBA, F.; MACEDO, S.S. Praças brasileiras: public squares in Brazil. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 312 p.

SALDANHA, Nelson. O Jardim e a praça: o privado e o público na vida social e histórica. São Paulo: EDUSP, 1993. 120 p.

SANTOS, F. Índice de área verde pública: parques e praças na área urbana de Uberlândia/MG. Uberlândia. Monografia – Universidade Federal de Uberlândia, 2006. 117p.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE. BDI, 2007. Banco de Dados Integrados de Uberlândia. Uberlândia, 2007.

SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007. 207 p.

SITTE, Camillo. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro. São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, 1995. 366 p.